



Ofício e arte: fotógrafos e fotografia em Mato Grosso 1860-1960, de João Antônio Botelho Lucídio. Cuiabá: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2008. 256 p.

1860-1960: um século de fotografia no estado do Mato Grosso

Cássia Maria Popolin*

O livro *Ofício e Arte – Fotógrafos e fotografias em Mato Grosso 1860-1960*, é o resultado de quatro anos de pesquisa do professor do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso, João Antônio Botelho Lucidio. Nas 256 páginas, o leitor vai encontrar 256 imagens, entre gravuras, fotografias, litografia, daguerreótipo e reprodução de anúncios de fotógrafos veiculados na época, em jornais do estado.

Como explica Lucidio, este trabalho é “uma sistematização do panorama de vários momentos em que a fotografia fora usada para apresentar o Mato Grosso não só para o Brasil, como também para as mais distantes partes do mundo ocidental”. O livro está dividido em três partes. A primeira trata sobre *Retratos e visitas – o séc. XIX*, abordando os dois tipos de fotógrafos que transitaram pelo espaço mato-grossense e cuiabano naquele período: os itinerantes e os fotógrafos ligados a alguma das muitas expedições científicas que ali estiveram.

Até 1870, os retratos predominavam, só a partir de 1874 é que apareceram fotografias de vistas da cidade. A princípio o preço por retrato era altíssimo, e poucas pessoas podiam ter o privilégio de serem retratadas. Só em 1885 houve a redução dos preços, e as fotografias passaram a ser vendidas por dúzia ao mesmo valor de um retrato vendido 15 anos antes. Isso contribuiu de modo decisivo para a popularização crescente da fotografia em Cuiabá e em todo o Mato Grosso.

As expedições científicas também colaboraram na divulgação do Mato Grosso através da fotografia. Um exemplo foi a expedição de

* Jornalista e fotógrafa. Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Comunicação pela mesma instituição. Professora de fotografia e fotojornalismo das Faculdades Adamantinenses Integradas (Adamantina/SP) e Fundação Dracense de Educação e Cultura (Dracena/SP). Bolsista da CAPES.

cientistas alemães comandada pelo médico Karl von den Steinen, acompanhado do pintor e retratista Wilhelm von den Steinen. Entre as muitas regiões que retrataram, numa epopéia que durou seis meses, está a cabeceira do rio Xingu. Outra expedição foi a do etnólogo Max Schmidt, e segundo Lucidio (2008, p.51), “apesar das dificuldades técnicas, as imagens foram tomadas como parte de uma proposta de registro etnológico e a preocupação foi de captar especialmente os aspectos físicos, os modos de viver e os objetos de uso cotidiano dos Guató, o que não diminuiu a beleza e a plasticidade de algumas fotos, ou estampas”.

As expedições comandadas por Cândido Mariano da Silva Rondon resultaram em um álbum de fotografias com imagens que documentaram a construção da linha telegráfica, seus acampamentos, os oficiais e trabalhadores, as estações e equipamentos utilizados, todas com legendas explicativas, comprovando as diversas etapas do trabalho desenvolvido naquela região.

A segunda parte do livro, intitulada *O disseminar da fotografia – o séc. XX*, aborda os diferentes olhares sobre o Mato Grosso. Os salesianos se utilizaram da fotografia para narrar, em imagens, o heroísmo dos seguidores de Dom Bosco no coração da América do Sul. Registraram diversas obras junto à sociedade mato-grossense como a abertura do Lyceu de Artes e Ofícios ligados à igreja paroquial do São Gonçalo, a construção do Observatório Meteorológico Dom Bosco, missões catequéticas junto às fazendas e povoados, a construção do Colégio Santa Tereza, em Corumbá, e do Oratório Santo Antônio, no Coxipó.

A fotografia se transformou num poderoso instrumento de propaganda e divulgação do Mato Grosso e numa forte aliada para construir uma imagem positiva do estado. Ainda que a população fosse pobre, o estado era rico, bastava ser descoberto e explorado por empresas de grande capital, de preferência internacional. Editado na Alemanha, o *Álbum Graphico do Estado do Mato Grasso* mostrou ao mundo ocidental como ele era moderno, promissor, bonito e rico.

O livro relata ainda a história e a importância do fotógrafo Durval Machado Paiva, o Dudu. Suas lentes registraram eventos, como festas de

santos, casamentos, batizados, carnaval e ainda retratava famílias e crianças, jovens enamorados que trocavam fotografias. E estas mesmas imagens serviam para divulgar a sociedade local, à medida que eram publicadas em jornais e revistas. Por isso a presença de fotógrafos no leste mato-grossense foi sempre bem aceita.

Os religiosos da Companhia de Jesus também contribuíram para o registro imagético de Mato Grosso. O livro traz várias imagens captadas pelos padres Edgar Jacob Schmidt, João Dornstauder e Yasi. Os antropólogos também tiveram papel importante neste registro de imagens. A expedição comandada pelo etnógrafo Claude Lévi-Strauss, na década de 30, percorreu 1.500 km cruzando a parte ocidental do estado e registrou vários povos, como os nambiquara, cadiueu e bororos.

A terceira parte, *As capitais – Vila Bela e Cuiabá*, trata das duas cidades que foram capitais do estado. Enquanto a primeira foi mais ou menos esquecida, a segunda vivenciou muitas transformações ao longo da primeira metade do século XX. Se em Vila Bela, os fotógrafos apenas passavam para realizar algum serviço, em Cuiabá eles residiram e, de certa forma, não só participavam como também interferiam no cotidiano da cidade. As fotos apresentadas no livro informam sobre as mudanças mais significativas pelas quais a cidade passou, bem como quem foram os fotógrafos que nela residiam.

Lucidio (2008, p.60) afirma que

foi grande a movimentação de fotógrafos pelo Mato Grosso. Nesse ir e vir, deixaram um legado fotográfico significativo, de grande valor histórico e antropológico. O tempo passou, as técnicas melhoraram, os preços diminuíram e a fotografia, pouco a pouco, foi se tornando objeto de consumo mais corriqueiro.

E hoje, quase 150 anos depois, essas mesmas imagens se tornaram documento e memória de uma história que extrapola o quadrilátero do papel. Ou, como afirma o fotógrafo, pesquisador e historiador Boris Kossoy (2001, p.138), “a imagem fotográfica é um

meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado”. Segundo o autor, ela “congela fragmentos desconectados de um instante de vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbanas e rurais”. Para encerrar, Kossoy sentencia: “A fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas.”

Referências

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.